
Subjetividade e Identidade Docente de uma professora de Ciências

Subjectivity and Teaching Identity of a Science Teacher

Bruna Lívia da Silva Oliveira
Andrela Garibaldi Loureiro Parente
Universidade Federal do Pará - UFPA
Belém-Pará-Brasil

Resumo

O presente artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado e teve por objetivo investigar que condições produzem mudanças na subjetividade de uma professora de Ciências na direção da constituição de uma identidade docente na perspectiva da Teoria da Subjetividade de González Rey. Para a construção das informações foram utilizados complemento de frases, entrevista e redação. No caso estudado investigamos a movimentação da subjetividade da professora Jéssica que após ter concluído o curso de licenciatura não tinha o desejo de ser professora, mas ao entrar no contexto de sala de aula se identifica com a profissão. A partir desta pesquisa consideramos que a constituição da identidade docente do estudante de graduação deve ser uma prioridade dos cursos de formação para que o estudante, ainda em seu curso de formação inicial, possa começar a se reconhecer como professor.

Palavras-chave:

Identidade docente; Subjetividade; Ensino de Ciências.

Abstract

This article is an excerpt from a master's research and aimed to investigate which conditions produce changes in the subjectivity of a science teacher towards the constitution of a teaching identity from the perspective of González Rey's Theory of Subjectivity. Construction of information were used complementing sentences, interview and writing. In the case studied, we investigated the movement of the subjectivity of the teacher Jessica who, after having completed the degree course, had no desire to be a teacher, but when entering the context of the classroom, she identifies with the profession. Based on this research, we consider that the constitution of the undergraduate student's teaching identity should be a priority in training courses so that the student, still in his initial training course, can begin to recognize himself as a teacher.

Key-words:

Teaching identity; Subjectivity; Science teaching.

Introdução

Existem diversas pesquisas que discutem a escolha pela docência, e mostram que muitos estudantes de licenciatura não entram em seus cursos com o desejo de serem professores.

A pesquisa realizada por Cerqueira & Cardoso (2010) e a pesquisa realizada por Frasson & Campos (2010), por exemplo, mostram de forma geral que os alunos de licenciatura não colocam a docência como uma meta de atuação profissional, e que os estudantes ainda estão amadurecendo profissionalmente, pois é preciso tempo para que eles experimentem e conheçam o papel desempenhado pela docência.

Desta forma é importante estudar a identidade docente, bem como a construção dessa identidade, os fatores que influenciam os (futuros) professores a se identificar ou não com a profissão. Uma das abordagens possíveis para se estudar a identidade docente é investigar os processos de formação e aprendizagem a partir de uma dimensão psicológica do desenvolvimento humano.

De modo geral, as pesquisas na área de ensino de Ciências têm se preocupado mais com a dimensão intelectual dos sujeitos, sem considerar a dimensão afetiva das relações. A Teoria da Subjetividade de González Rey tem sido orientadora de diferentes estudos dentro da psicologia da educação e mais recentemente tem orientado pesquisas na área de educação em Ciências. Essas pesquisas têm permitido discussões de uma nova ideia de formação e aprendizagem, relacionadas a uma dimensão subjetiva do desenvolvimento humano. Discussões de grande relevância para área, uma vez que geralmente as pesquisas têm se preocupado mais com a dimensão intelectual, sem considerar a integração do cognitivo e afetivo das relações. Além disso, considerando a formação docente, González Rey e Martínez (2017) reconhecem a “necessidade de focar na formação pessoal do professor e não apenas na sua formação técnico-científica” (p.163).

Dessa forma, ao discutir a identidade docente a partir dos sentidos produzidos pelos professores em suas trajetórias pessoais e escolares, pode-se realizar também uma discussão voltada para os cursos de formação inicial, e como eles estão contribuindo para a formação da identidade docente de seus alunos e futuros professores. Uma vez que investigar a identidade docente como produção subjetiva é dar a conhecer a subjetividade do professor, reconhecer sua história de vida e a personalização dos conhecimentos formativos.

Teoria da Subjetividade

Reconhecendo a importância de se estudar e investigar os processos de formação e aprendizagem a partir de uma dimensão psicológica do desenvolvimento humano, trazemos como base teórica para esta pesquisa a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey (2003, 2005).

Este autor busca compreender a subjetividade além de como ela costuma ser tratada no senso comum, como algo particular e íntimo de um indivíduo. Dessa forma, o autor entende a subjetividade como:

[...] um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p.27).

Neste sentido, o autor busca entender o psicológico humano reconhecendo sua forma complexa, e seu caráter multidimensional, recursivo, contraditório e imprevisível. Procurando, então, romper com a fragmentação e as dicotomias individual-social, interno-externo, intrasubjetivo-intersubjetivo, simbólico-emocional, que costumam estar presentes em muitas pesquisas e conceitualizações teóricas a respeito da subjetividade (MITJÁNS MARTÍNEZ e GONZÁLEZ REY, 2017).

Em seus estudos e escritos da Teoria da Subjetividade, González Rey apresenta também uma definição para identidade. Este autor compreende a identidade como:

[...] um sistema de sentidos que se articula a partir das configurações subjetivas historicamente constituídas na história de um sujeito concreto e nas condições concretas dentro das quais ele atua neste momento. Como resultado dessa confrontação entre o histórico e o atual, aparecem situações em que se apresenta a necessidade de o sujeito se reconhecer a si mesmo dentro da situação (2003, p.263).

Apesar de não apresentar uma definição para identidade docente, a partir desta compreensão do autor sobre a identidade, relacionada com as compreensões de autores da área de ensino e ensino de Ciências, acredito ser possível se estudar a identidade docente a sobre uma perspectiva da Teoria da Subjetividade sem fugir do que é proposto por ela.

Identidade Docente

Subjetividade e Identidade Docente de uma professora de Ciências

A identidade é discutida e investigada por diferentes autores (GATTI, 1996; DUBAR, 1998; PIMENTA, 1999; GONZÁLEZ REY, 2003; GONZÁLEZ REY, 2004; TARDIF, 2010; SCOZ, 2011).

Dentre estes autores, Tardif (2010) é o único que discute a dimensão cognitiva e emocional, cita a subjetividade e sinaliza que deveriam ser realizados mais estudos sobre a temática, levando em consideração o domínio cognitivo e emocional.

Para Tardif (2010) as experiências vividas pelo professor durante sua vida, na relação com os outros, constitui o processo de sua construção profissional; da mesma forma que os conhecimentos adquiridos tanto no âmbito pessoal e familiar como no âmbito escolar contribuem para a constituição da identidade profissional do professor. Reconhecendo assim o caráter mutável da identidade do professor, de acordo com suas experiências e com o tempo.

Outra autora que discute a identidade docente é Scoz (2011). Esta investigou a identidade docente como produção subjetiva a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey. Em seu trabalho, Scoz (2011) discute que há uma relação indissociável da identidade com a subjetividade e, deste modo, realiza suas discussões de forma intimamente ligada às concepções teóricas de González Rey, afirmando que para ele “subjetividade não é algo ordenado ou definido de uma vez por todas, mas se expressa a partir da confluência de uma série de sentidos de elevada variabilidade. Esses elementos podem aparecer de formas diversas, dependendo do contexto de sua expressão” (p.26).

Scoz (2011) apresenta a identidade como uma (re)construção subjetiva:

A subjetividade e identidade podem ser compreendidas como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, são o resultado de complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão (p. 28-29).

Ao trabalhar com professores, a autora considerou essa construção a partir dos sentidos que os participantes de sua pesquisa iam construindo nos seus processos de aprender e ensinar, seja na escola, na família ou na comunidade em que viviam, e também a relação existente entre os sentidos construídos nos diferentes contextos.

Tendo por base a discussão acima e a definição de identidade de González Rey, a identidade docente foi concebida neste trabalho como uma configuração de sentidos subjetivos relacionados à docência que foram e são produzidos pelos sujeitos por toda a sua

trajetória de vida até o momento atual, compreendendo que a identidade docente é constituída por tudo aquilo que envolve o professor e que o faz se identificar com a profissão docente.

Metodologia

O presente artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas – PPGECM/UFPA, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.

A Epistemologia Qualitativa que utilizamos nesta pesquisa foi elaborada por González Rey para atender as necessidades das pesquisas qualitativas no campo da psicologia e apresenta três princípios gerais básicos, que se relacionam entre si e conferem a especificidade desta em relação às demais concepções epistemológicas: **O caráter construtivo-interpretativo do conhecimento; a legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico; a compreensão da pesquisa como um processo comunicativo e dialógico** (GONZÁLEZ REY, 2005).

Para participar desta pesquisa, escolhemos uma professora de Ciências formada pelo curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais com habilitação em Biologia pela Universidade do Estado do Pará. O que nos levou a escolhê-la como sujeito da pesquisa foi o fato de ela não querer ser professora, ter escolhido o curso de Biologia como segunda opção, e mesmo após se formar, não pretender seguir a carreira docente. Mas, principalmente, por necessidade de começar a lecionar e, a partir destas experiências, começar a se identificar com a profissão docente e a se reconhecer como professora.

Nesta pesquisa decidimos utilizar o nome verdadeiro da participante, algo que discutimos e decidimos com ela de comum acordo. Acreditamos que esse trabalho poderá ajudá-la também no processo de se reconhecer como professora.

Para a construção dos dados da pesquisa utilizamos três instrumentos:

- a) Complemento de frases: Instrumento adaptado González Rey, possibilita a formulação de um conjunto de hipóteses iniciais, que serão reelaboradas a partir dos dados coletados a partir dos demais instrumentos. Nesta pesquisa, utilizamos um complemento de frases contendo indutores referentes aos aspectos gerais que acreditamos que envolvem a vida e as relações da participante, além de alguns envolvendo a docência e o professor, uma vez que nosso foco de estudo era a identidade docente.

- b) Entrevista: O uso da entrevista nesta pesquisa se deu a partir da necessidade em esclarecer um conjunto de aspectos que não ficaram claros ou que geraram muitas dúvidas nos demais instrumentos. Além disso, a entrevista também pode ser realizada para investigar as projeções futuras da participante, uma vez que os demais instrumentos focam principalmente na trajetória de vida e nas experiências já vividas.
- c) Redação: Solicitamos por duas vezes que a professora Jéssica construísse uma redação, primeiro sobre o ser professora e também uma reconstrução de uma experiência escolar vivida por ela, pois acreditamos que através destes instrumentos seria possível obter algumas informações que para nós ainda não tínhamos obtido através dos instrumentos anteriores.

Resultados e Discussões

Estruturamos nossas análises em quatro partes. As três primeiras partes organizamos de forma a tornar possível a visualização do movimento da subjetividade do sujeito, as quais são: **1. Não quero ser professora!**, onde apresentamos Jéssica e o fato de que ela não desejava ser professora; **2. O encontro com a docência...**, onde discutimos a mudança na subjetividade da professora Jéssica, que começou a se interessar pela docência e **3. Tornei-me professora. E agora?**, onde discutimos os anseios e expectativas da professora após se reconhecer como tal.

Na quarta parte, em **4. Vir a Ser e Se Reconhecer Professor**, trazemos o modelo teórico construído, a partir das análises, interpretações e construções realizadas, tendo por base as relações da Teoria da Subjetividade, com o referencial teórico da área de Ensino de Ciências e com as informações construídas com o auxílio dos instrumentos utilizados.

Apesar de estar organizado desta maneira, gostaríamos de destacar que não significa que este seja um processo linear, pois vemos que esta transição é possibilitada pela confrontação que o sujeito faz de suas experiências anteriores com as experiências atuais, através das suas reflexões, onde nada está estático ou definido, sendo um processo de constantes idas e vindas.

1. Não Quero Ser Professora!

Jéssica se formou no curso de Licenciatura em Ciências Naturais com habilitação em Biologia na UEPA, no início do ano de 2017. Apesar de estar em um curso de licenciatura que tem por objetivo formar professores, Jéssica nunca quis ser professora.

[...] me inscrevi então num curso de licenciatura em biologia na UEPA; sem pretensão ainda de seguir a carreira como professora (Redação B).

[...] aí eu testei UEPA, só por fazer mesmo, eu me inscrevi em Biologia, foi quando eu passei. Então o meu curso, o meu curso foi aquela segunda opção que a gente vê bastante (Entrevista).

Em conversas informais, ao ser questionada sobre o seu curso de formação inicial, a professora não consegue o enxergar como importante e afirma que o curso não contribuiu para a sua formação nem auxiliava em sua atuação como professora.

Sobre a permanência e conclusão, Jéssica atribuiu à preocupação com o tempo, uma vez que passar mais um ano no cursinho para tentar novamente o vestibular demandaria ainda mais tempo. Além disso, logo ao iniciar a graduação, ela teve oportunidades de participar de estágios que contribuíram para a sua permanência no curso, permitindo que ela pudesse descobrir e se interessar pela área da pesquisa no laboratório, e também vislumbrar um caminho diferente da docência após a conclusão da graduação, uma vez que os estágios extracurriculares que ela realizou foram exclusivamente nestes ambientes.

[...] foi aí que abri meus olhos e comecei a pensar no mestrado, em algo mais a frente. Então eu pensei: “Bom, então eu não vou parar, eu vou continuar com a minha graduação que eu sei que serve pra alguma coisa, é um título né, e depois daí eu posso ser o que eu quiser, depois daí...”, aí eu fiquei com isso na cabeça e foi... (Entrevista).

Meu futuro: *[...] eu sonhava em fazer mestrado e doutorado, mas na área da pesquisa para poder ficar reclusa num laboratório sem contato social (Complemento de Frases).*

Neste momento, ainda como licencianda, Jéssica estava em um curso de formação de professores, mas pensando em concluí-lo e seguir a área da pesquisa. Brando & Caldeira (2009) em seu estudo demonstraram que, assim como acreditamos que tenha acontecido com a professora Jéssica, para onze licenciandos de Ciências Biológicas, a timidez, a vergonha e o medo de se expor consistem em obstáculos para seguir a profissão docente, e mesmo estando em curso de licenciatura, estavam mais interessados na área da pesquisa e faziam desta sua motivação para concluir o curso. Mas, puderam ver na docência uma fonte de ajuda no orçamento, pois apesar de desejar atuar no desenvolvimento de pesquisas, afirmaram só ir para a sala de aula se não tivessem oportunidade de emprego na área que gostariam de atuar inicialmente.

Acreditamos que Jéssica tenha visto na profissão uma forma de ajudar sua família, principalmente financeiramente. Ela é uma pessoa que se importa e valoriza muito sua

família, desta maneira procura retribuir de alguma forma tudo o que a família fez até o momento, acredita ser responsável por ajudar a família a ter melhores condições de vida

Luto: *para dar orgulho aos meus pais (Complemento de frases).*

Eu sempre tive vontade de ajudar minha família [...] vou ajudando da forma que eu posso, mas eu queria ter condições pra ajudar como eu deveria, entendeu? Mesmo eu ganhando pouco assim, mas eu vou fazendo pequenas melhorias ali do que eu posso, até chegar o dia de sair de casa (Entrevista).

2. O Encontro com a Docência...

Após finalizar a graduação, Jéssica ainda não tinha o desejo de ser professora, a pretensão de ser pesquisadora continuava em sua mente. E para que pudesse alcançar isso, começou a estudar e realizar processos seletivos para o mestrado em área específica da Biologia. Entretanto, não obteve êxito, o que foi deixando Jéssica desestimulada e frustrada.

Ela conta em entrevista que foi procurada para dar aulas particulares de Ciências, e começou a ter alguns alunos em casa. Então, por não obter sucesso em suas tentativas e também por questões de necessidade, começou a dar aulas. E, para a sua surpresa, começou a gostar do que estava fazendo.

Nesse período que eu estava parada, muitas pessoas foram me procurar pra dar aula particular [...] nessa época eu estava estudando pra mestrado [...] eu queria ser ecóloga, mas é muito difícil, principalmente a parte de cálculo [...], abriu uma escola próximo de casa, minha tia me perguntou se eu não estava interessada em levar meu currículo, estavam precisando de professor de Ciências e tal... Eu deixei meu currículo, fiz a entrevista [...] fui contratada.... (Entrevista).

Meu trabalho: *é um paradoxo. Me desgasto e revigoro ao mesmo tempo (Complemento de Frases).*

Ensinar: *é prazeroso (Complemento de Frases).*

Ser professor era uma ideia absurda durante minha graduação [...] Mas só me tornei professora quando tive que entrar numa sala de aula, em janeiro deste ano. Os motivos que me levaram a fazer isto foram exclusivamente financeiros (confesso), mas no fundo, não fazia ideia se era aquilo que queria para mim o resto da vida (Redação A).

É no decorrer da experiência docente que a professora Jéssica está começando a se reconhecer como tal, ao entrar em uma sala de aula. Segundo Coelho (2012):

O sujeito docente só vai se assumir como tal quando subjetivamente assim se reconhecer. Formar-se professor é, portanto, um processo de construção de sentidos subjetivos que vão sendo configurados ao longo das vivências das relações

com o Outro coletivo, ao longo de uma história pessoal anterior que é constantemente atualizada, bem como pelo vivenciar experiências, pela reconstrução de conhecimentos, pela troca de ideias, pela descoberta das diversidades de aprender (2012, p. 118).

Desta forma, a experiência em sala de aula está permitindo que Jéssica atribua novos sentidos subjetivos à docência, na qual ela tem a oportunidade de a cada nova experiência ressignificar suas vivências anteriores.

Mesmo exercendo a profissão, Jéssica não afirmou claramente que sua graduação teve contribuições para a sua prática profissional. Entretanto, em alguns momentos do complemento de frases, percebemos que ela faz menção a professores, inclusive da graduação, que contribuíram para seu crescimento, o que nos fez refletir que apesar de não ser reconhecido por ela em um primeiro momento, era um aspecto que deveríamos investigar mais a fundo, o que fizemos na entrevista.

Procuramos investigar também se em suas práticas na escola ela recorda de aspectos relacionados a sua formação ou mesmo subjetiva se algumas atividades realizadas por ela durante as aulas ou estágios na graduação.

Me inspiro: *na minha professora de graduação. É um espelho de profissional e pessoa para mim (Complemento de Frases).*

Uma experiência que eu posso levar da UEPA, que a gente foi pra um espaço não formal e lá estudou as relações ecológicas, eu acho que a gente fez isso com a Lúcia né? Que ela fez a gente sair e fotografar as relações ecológicas, não foi? E eu já mandei eles fazerem isso, mas não em relações ecológicas, mas quando eu trabalhei fungos. Porque eu queria sair um pouquinho mais daquele... da mesmice né... (Entrevista).

Notamos que Jéssica começou a identificar algumas contribuições da sua graduação para a atuação profissional. Acreditamos que parte do processo de se reconhecer como professora é o reconhecimento também da graduação como uma formação para a profissão docente.

3. Tornei-me Professora. E Agora?

Foi quando Jéssica começou a dar aulas que seus objetivos e metas foram sendo modificadas, e a profissão docente começou a ser vista de uma nova perspectiva por ela, que inclusive começou a planejar sua vida profissional voltada para a área docente.

Meu futuro: *É incerto. [...] Antes eu sonhava em fazer mestrado e doutorado, mas na área da pesquisa para poder ficar reclusa num laboratório sem contato social. Mas, depois que comecei atuar na minha profissão, ainda quero fazer pós-graduação, mas já na área da docência, pois sinto uma certa necessidade*

Subjetividade e Identidade Docente de uma professora de Ciências

disto. Sinto-me responsável por pessoas agora, quero interagir com elas (Complemento de frases).

Aí eu percebi que, não sei, eu passei a gostar daquilo né, o fato de ensinar algo e a criança entender e melhorar, e eu ver que aquela evolução. Eu tinha cerca de 5 alunos assim em casa e eu passei a gostar disso (Entrevista).

Sua identidade docente passa a ser constituída no decorrer do exercício da profissão, entretanto acreditamos que seja a confrontação do passado com o presente, somado à reflexão de suas experiências que permitem essa construção.

Ela reconheceu que durante seu curso de formação inicial, por não ter a pretensão de ser professora, deixou de lado e não deu muita atenção às disciplinas e atividades pedagógicas que talvez hoje pudessem ajudá-la, e por isso, percebe que há a necessidade de se aprofundar mais na docência. Nesse período de transição em que se encontra, apesar de ainda ter algumas incertezas sem saber ao certo o que irá fazer a seguir, a professora Jéssica pensa em explorar novas possibilidades para expandir seus conhecimentos dentro da profissão docente

Aí eu vou vendo o que serve e o que não serve. Eu acho que... sei lá... o professor não tem manual de instrução assim, mesmo que tu passe por uma graduação, que tu estude aquilo mesmo, tu não sai dali sendo um professor, tu não sabe.... Eu muito menos né porque eu não queria, não me interessava (Entrevista).

Eu já tô trabalhando na área, então eu já tenho algumas ideias assim do que eu quero trabalhar. Uma vez eu estava lendo um artigo, aí eu vi o nome lá da autora, é da psicologia escolar, ela tinha doutorado em psicologia escolar... Aí eu “Caramba, existe isso?”. Aí eu achei interessante... (Entrevista).

Acreditamos que o fato de Jéssica estar projetando sua vida futura em relação à docência é também um indício de que ela está envolvida pela profissão e se reconhece como professora. Ela busca tornar-se professora com a prática do dia-a-dia em sala de aula, e através da superação das dificuldades que encontra pelo caminho. Apesar de seu pouco tempo de atuação profissional ela está se deparando com alguns desafios da profissão, como em sua relação com os alunos ou com a direção da escola, que a fazem refletir sobre o que está fazendo e sobre como ser uma profissional melhor.

4. Vir a ser e se reconhecer professor

Por meio do recorte do movimento da subjetividade da professora Jéssica, presente neste trabalho, procuramos evidenciar os aspectos que acreditamos que foram - e estão sendo - fundamentais para a constituição de sua identidade docente.

No desenvolvimento deste caso, elaboramos um modelo teórico na tentativa de promover uma maior compreensão a respeito da constituição da identidade docente do professor de Ciências a partir da perspectiva da Teoria da Subjetividade. Este modelo teórico foi sendo construído do estudo e análise do referencial teórico da área de formação de professores de Ciências, associados ao estudo e análise da teoria da subjetividade, e que no desenvolvimento da pesquisa também foi sendo associado ao contexto empírico. Foi então a relação que fizemos dos destes três aspectos da pesquisa que possibilitaram a formulação do modelo teórico aqui apresentado.

Estruturamos o modelo teórico da pesquisa em três eixos, relacionados entre si.

a) Valorização da profissão pelo próprio sujeito

Neste primeiro eixo levamos em consideração que a valorização da profissão pelo próprio sujeito é um dos aspectos que possibilita a constituição de uma identidade docente do mesmo. Ao abordar a identidade, González Rey (2003) a define como:

[...] um sistema de sentidos que se articula a partir das configurações subjetivas historicamente constituídas na história de um sujeito concreto e nas condições concretas dentro das quais ele atua neste momento. Como resultado dessa **confrontação entre o histórico e o atual, aparecem situações em que se apresenta a necessidade de o sujeito reconhecer a si mesmo dentro da situação**” (grifo nosso, pág. 263).

Desta forma, consideramos que para haver a constituição de uma identidade docente, é necessário que o sujeito reconheça a si mesmo como professor, a partir do paralelo que faz de suas experiências anteriores e as experiências atuais, e as reflexões geradas, que o possibilitam produzir novos sentidos subjetivos acerca das situações vividas por ele.

No caso estudado Jéssica passou a se identificar com a profissão docente e se reconhecer como professora Jéssica quando sua prática em sala de aula permitiu que, através de suas reflexões e confrontações do passado e presente, ela ressignificasse suas experiências. Foi quando ela começou a valorizar a profissão que ela passou também a se assumir como professora, quando ela percebeu que na profissão ela também poderia atingir seus objetivos de contribuir positivamente com a sociedade, ajudar a sua família, e fazer mestrado e doutorado, algo com o que ela sonha.

b) Valorização do sujeito no processo de formação

Neste segundo eixo consideramos que o sujeito no processo de formação inicial está inserido em um contexto específico, e que a sua relação com este contexto pode favorecer, ou não, a constituição de uma identidade docente por ele ainda em seu curso de formação. Desta forma, acredito que não se deve acreditar que o curso por si só deve ser responsável pela formação do professor, assim como também não é apenas a motivação e implicação do aluno que fará com que ele construa uma identidade docente, mas sim uma relação favorável entre os dois.

Por isso é importante que o curso de licenciatura seja de fato um lugar de formação para o professor, que apresente um contexto favorável para a constituição da identidade docente por ele, e que também busque despertar nele uma motivação para a sua própria formação docente.

Em uma pesquisa sobre a formação de professores no Brasil realizada por Gatti (2010), a autora analisou aspectos referentes a licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas, foi constatado que “Nas licenciaturas em Ciências Biológicas a carga horária dedicada à formação específica na área é de 65,3% e, para formação para docência, registra-se percentual em torno de apenas 10%” (pág. 1373) e que “uma parte dessas licenciaturas promove especialização precoce em aspectos que poderiam ser abordados em especializações ou pós-graduações, ou que, claramente, visam a formação de outro profissional que não o professor” (p.1374). Então é importante que se haja uma preocupação para que a graduação de um futuro professor não seja uma licenciatura apenas no nome enquanto que na verdade são bacharelados.

No caso estudado, Jéssica não estava motivada para uma formação docente. Ela mesma afirma que seu curso de formação inicial foi sua segunda opção e que durante o curso, por estar motivada em seguir carreira na área da pesquisa em Biologia, não dava importância para as disciplinas pedagógicas, práticas dos estágios docentes, e qualquer outra coisa que envolvesse a formação de professores. Então neste caso, independente de estar em um contexto favorável para a formação docente ou não, não houve a constituição de uma identidade docente durante o curso de graduação, o que só veio começar a acontecer em sua prática em sala de aula.

c) Experiências significativas e diversas

Neste terceiro eixo levamos em consideração que outro aspecto importante para a constituição da identidade docente está relacionado às diversas experiências que o sujeito

vivenciou e vivencia até o momento atual, inclusive no que se relaciona ao contexto escolar. Geralmente nos cursos de formação inicial se prioriza os conhecimentos científicos em detrimento dos conhecimentos e práticas pedagógicas.

Neste sentido, foi constatado por Gatti (2010) que:

É reduzido o número de disciplinas teóricas da área de Educação (Didática, Psicologia da Educação ou do Desenvolvimento, Filosofia da Educação etc.) e que mesmo as disciplinas aplicadas têm espaço pequeno nas matrizes, sendo que estas, na verdade, são mais teóricas que práticas, onde deveria haver equilíbrio entre estes dois eixos. Com as características ora apontadas, com vasto rol de disciplinas e com a ausência de um eixo formativo claro para a docência, presume-se pulverização na formação dos licenciados, o que indica frágil preparação para o exercício do magistério na educação básica (pág. 1374).

Consideramos que seja importante que o licenciando tenha em seu curso de formação inicial diversidades de experiências, abrangendo a sala de aula, os espaços de ensino não formais e informais, e experiência em laboratórios, e que também devam ser significativas na formação deste futuro professor. Pois estas experiências podem proporcionar ao sujeito a oportunidade de reconhecer a si mesmo dentro do contexto no qual está inserido, que para González Rey (2003) é um dos aspectos fundamentais para que haja a constituição de uma identidade.

É por isso que:

A formação de professores profissionais para a educação básica tem que partir de seu campo de prática e agregar a este os conhecimentos necessários selecionados como valorosos, em seus fundamentos e com as mediações didáticas necessárias, sobretudo por se tratar de formação para o trabalho educacional com crianças e adolescentes (GATTI, 2010, p. 1375).

No caso estudado Jéssica não estava motivada para sua formação docente, mesmo tendo ingressado em um curso de formação de professores. Desta forma, ao perceber que o curso lhe daria a possibilidade de seguir uma carreira diferente da docência, ela passou a se interessar e investir nesta outra possibilidade, e por isso todos os estágios extracurriculares que ela buscou foram voltados para a área da pesquisa em Botânica, na EMBRAPA e no Herbário da UEPA. Foi apenas nos estágios supervisionados que ela teve contato com a sala de aula e a prática docente, entretanto estes não foram significativos para ela.

Ao concluir o curso e entrar em contato com uma sala de aula e viver experiências significativas, ela começou a se reconhecer como professora, a valorizar a profissão docente.

5. Considerações Finais

A partir da área de ensino de Ciências e da psicologia educacional, buscamos relações das pesquisas sobre identidade docente do professor de Ciências e teoria da subjetividade de González Rey. Deste levantamento não encontramos nenhuma discussão relativa a identidade docente do professor de Ciências como produção de sentido subjetivo, e/ou pesquisas que utilizassem a Teoria da Subjetividade para investigar a identidade docente do professor de Ciências. Também pudemos observar que ainda são poucos os estudos na área da psicologia da educação que investigam a identidade docente do professor de Ciências.

Neste sentido, buscamos estudar o caso da professora Jéssica e interpretar o movimento de sua subjetividade. Ressaltamos que esta movimentação não se dá por um processo linear, pois vemos que esta transição é possibilitada pela confrontação que o sujeito faz de suas experiências anteriores com as experiências atuais, através das suas reflexões, sendo um processo de constantes idas e vindas e dinâmico.

Inicialmente, Jéssica não desejava ser professora, e entrou no curso de licenciatura como segunda opção. Após finalizar a graduação, Jéssica ainda não tinha o desejo de ser professora. Por não obter sucesso em suas tentativas para ingressar no mestrado em Ecologia e também por questões de necessidade financeira e para ajudar a família, começou a dar aulas. Mas, para a sua surpresa, ela começou a gostar do que estava fazendo. Foi no decorrer da experiência docente que a professora Jéssica começou a se reconhecer como tal, a reconhecer que se tornou professora ao entrar em uma sala de aula.

Pudemos compreender também que Jéssica começou a identificar algumas contribuições de seu curso de graduação para a atuação profissional. Acreditamos que parte do processo de se reconhecer como professora é o reconhecimento também da graduação como uma formação para a profissão docente.

Foi no contexto de atuação profissional que Jéssica passou a se interessar pela docência, e gostar do que estava fazendo. Então, mesmo tendo iniciado e concluído um curso de formação de professores sem a intenção de sê-lo, ao lidar com a profissão Jéssica passou a se reconhecer como professora. Desta forma, sua identidade docente passa a ser constituída no decorrer do exercício da profissão. Entretanto acreditamos que seja a confrontação do passado com o presente, somado à reflexão de suas experiências que permitem essa construção.

O caso estudado foi fundamental para a construção de um modelo teórico na tentativa de promover uma maior compreensão a respeito da constituição da identidade docente do professor de Ciências a partir da perspectiva da Teoria da Subjetividade. Tal modelo teórico foi estruturado em três eixos, relacionados entre si.

No primeiro eixo levamos em consideração que para que haja a constituição de uma identidade docente, é necessário que o sujeito reconheça a si mesmo como professor, a partir do paralelo que faz de suas experiências anteriores e as experiências atuais, e as reflexões geradas, que o possibilitam produzir novos sentidos subjetivos acerca das situações vividas por ele. No segundo eixo consideramos que precisa haver a *valorização do sujeito no processo de formação*, pois ele está inserido em um contexto específico, e a sua relação com este contexto pode favorecer, ou não, a constituição de uma identidade docente por ele ainda em seu curso de formação. No terceiro eixo levamos em consideração que as *experiências significativas e diversas* que o sujeito vivenciou e vivencia até o momento atual é um outro aspecto importante para a constituição da identidade docente.

Neste sentido, acreditamos que a constituição da identidade docente do estudante de graduação precisa ser uma prioridade dos cursos de formação. É importante que o licenciando ainda em seu curso de formação inicial possa começar a se reconhecer como professor. Também, o curso promova uma formação menos generalizada, levando em consideração a singularidade de cada licenciando, suas trajetórias e histórias de vida, angústias e anseios. Incentive também a valorização da profissão pelos estudantes, que precisam também se sentir valorizados no contexto da formação inicial. Por sua vez, que esta proporcione as estudantes experiências diversas que sejam significativas para a sua formação inicial como futuro professor.

Referências

BRANDO, Fernanda da Rocha; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. Investigação sobre a identidade profissional em alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 15, 2009, p. 155-173.

CERQUEIRA, Sandra Valéria Santos; CARDOSO, Livia de Rezende. Biólogo-professor: relação entre expectativas profissionais e concepções em torno da docência para licenciandos em Ciências Biológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 25, n. 84, 2010, p. 143-160.

COELHO, Cristina M. Madeira. Formação docente e sentidos da docência: o sujeito que ensina, aprende. **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, p. 111-129, 2012.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, v. 19, 1998, p. 13-30.

FRASSON, Marina; CAMPOS, Luciana Lunardi. A opção pela licenciatura e pela profissão de professor: razões reveladas pelas vozes de licenciandos em Ciências Biológicas. IN: **VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2010, Campinas. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R1220-4.pdf. Acesso em: 13 set. 2017.

GATTI, Bernardete A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de pesquisa**, n. 98, 1996, p. 85-90.

GATTI, Bernadete A. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. **Revista Educação & Sociedade**, v.31, n.113, 2010, p. 1355-1379.

GONZÁLEZ REY, L. F. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson, 2003.

GONZÁLEZ REY, L. F. **O Social na Psicologia e a Psicologia no Social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, L. F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. 1ª ed. São Paulo: Thomson, 2005.

GONZÁLEZ REY, L. F; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017, 191p.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15 a 34.

SCOZ, Beatriz. **Identidade e subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 325p.

Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado defendida na UFPA em abril de 2019, e apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Sobre os autores

Bruna Livia da Silva Oliveira

Mestranda em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas – PPGECM/UFPA. Graduada em Licenciatura em Ciências Naturais com habilitação em biologia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA.

Email: brunalivia.so@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1631-8481>

Andreia Garibaldi Loureiro Parente

Doutora em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/BAURU. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Pará – IEMCI/UFPA. Licenciada Plena em Ciências com habilitação em Química pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora Associada I na Universidade Federal do Pará, lotada no Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI/UFPA.

E-mail: andrela@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3396-700X>

Recebido em: 12/08/2021

Aceito para publicação em: 03/09/2021